

Real desvalorizado começa a atrair investidores

Recomeça a procura por ativos brasileiros, principalmente no setor de infra-estrutura

DENISE NEUMANN

A desvalorização do real já começa a atrair investidores estrangeiros interessados em fazer bons negócios. Motivados pela redução no preço dos ativos no Brasil nas últimas semanas, cinco novos clientes (dois dos Estados Unidos e outros da Alemanha, Espanha e do Japão) contrataram o Dresdner Bank Brasil, na primeira semana de fevereiro, para procurar oportunidades de investimentos em infra-estrutura. Podem ser empresas na lista das privatizações ou já privatizadas.

"Essa procura nos surpreendeu positivamente", diz João Teixeira, diretor do Dresdner Bank. "Quando o aparato regulatório é claro, as regras são transparentes e estáveis e o preço é bom, há tendência de novos investimentos." Esse é, segundo ele, o caso do Brasil na área de infra-estrutura.

Teixeira acredita que muitos novos negócios vão ser feitos no Brasil, agora que o preço das companhias ficou mais atraente para o investidor externo. Apenas o preço baixo, explica, não seria suficiente para motivar um investimento. "O preço é um dos componentes", observa. "É a combinação de preço, oportunidade de longo prazo e regras estáveis que atrai."

Na avaliação de Teixeira, novos investimentos não devem demorar. E os anúncios podem chegar mais cedo do que se imagina. Há uma percepção de que a taxa de câmbio está acima do valor no qual se vai estabilizar e haverá acomodação no período de seis ou nove meses. "Assim, quanto antes o investimento for feito, mais barato ele sairá", diz. "Quem tem a intenção clara de investir aqui pode fazê-lo com a taxa mais favorável."

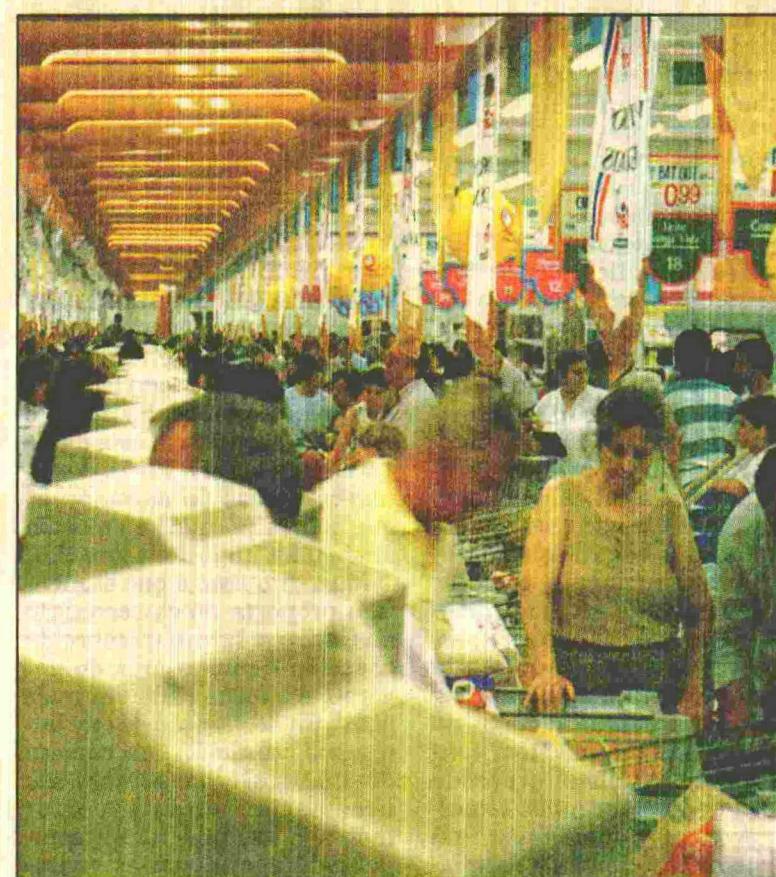
**ECONOMISTA
PREVÊ
INGRESSO DE
US\$ 15 BILHÕES**

A perspectiva de aumento no número de transações, porém, não significa maior volume de investimentos. Nas contas do economista-chefe do Banco Bilbao Vizcaya (BBV), Octávio de Barros, o investimento direto estrangeiro em 1999 será cerca de US\$ 15 bilhões. Antes da desvalorização, ele esperava US\$ 18 bilhões.

A queda no valor estimado por Barros só reflete a desvalorização do real. Afinal, para comprar uma mesma empresa, o investidor precisa menos dólares. "O número de negócios vai aumentar, mas as empresas vão pagar em dólares um valor inferior ao previsto anteriormente."

Barros prevê que a disputa do capital estrangeiro pelas empresas brasileiras vai aumentar nas privatizações programadas para este ano, especialmente em energia e gás. "Players que antes pretendiam entrar no Brasil em uma situação minoritária, apenas integrando um consórcio, agora podem decidir liderar um grupo de investidores e assumir o controle do negócio em disputa", avalia. Outros investidores que ainda não vieram para o Brasil também podem considerar a possibilidade. "As empresas brasileiras que vão ser privatizadas ficaram mais baratas."

Se as projeções de Barros forem confirmadas – investimento direto estrangeiro de US\$ 15 bilhões –, apenas essa parte das contas externas vai financiar mais de 70% do déficit em transações correntes (todas as contas com o exterior). Essa proporção é semelhante à de 1998, quando o volume de investimento direto somou US\$ 26 bilhões e financiou 74% do déficit externo, de US\$ 35 bilhões. Segundo Flávio Conde, diretor do Lloyds Asset Management, antes da desvalorização havia uma percepção no mercado internacional de que os países da Ásia seriam priorizados pelos investidores em mercados emergentes em 99. "Com a desvalorização, o Brasil também pode colher estes frutos."



Orlando Kissner/AE

Negócios entre redes de supermercados devem continuar intensos

